

ESTILO E ESTILÍSTICA EM BAKHTIN E VOLÓCHINOV: PERSPECTIVAS EM DIÁLOGO

STYLE AND STYLISTICS IN BAKHTIN AND VOLÓCHINOV: PERSPECTIVES IN DIALOGUE

*Sueli Pinheiro da Silva**

Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, Brasil

Resumo: Este artigo trata sobre a contribuição do Círculo de Bakhtin para os estudos do estilo, especificamente nos trabalhos de Bakhtin e Volóchinov. Para tanto, selecionamos algumas de suas principais obras dedicadas a essa discussão e levantamos como a temática é apresentada em cada uma delas, a partir de uma ordem cronológica de publicação. Os resultados demonstram que, em perspectiva dialógica, no decorrer do percurso das obras, o conceito de estilo apresenta acentos autorais peculiares que compreendem desde a noção de acabamento da obra, de valoração social até a sua constituição no gênero discursivo. Por fim, o diálogo entre os autores – e com eles – nos oportuniza melhor compreender as suas concepções acerca de estilo, relacioná-las a abordagens anteriores e apresentá-las como mais uma importante perspectiva a ser investigada, considerando a sua contribuição para estes estudos.

Palavras-chave: Enunciado; Expressividade; Avaliação social; Perspectiva dialógica; Gênero.

Abstract: *This article deals with the contribution of the Bakhtin Circle to the study of style, specifically in the works of Bakhtin and Volóchinov. For that, we selected some of his main works dedicated to this discussion and raised how the theme is presented in each of them, based on a chronological order of publication. The results demonstrate that, in a dialogical perspective, throughout the the coursework, the concept of style presents peculiar authorial accents that range from the notion of finishing the work, of social valuation to its constitution in the discursive genre. Finally, the dialogue between the authors – and with them – allows us to better understand their conceptions about style, relate them to previous approaches and present them as another important perspective to be investigated, considering their contribution to these studies.*

Keywords: *Statement; Expressiveness; Social assessment; Dialogical perspective; Genre.*

* Professora Doutora da Universidade do Estado do Pará – UEPA, Belém, PA, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0001-8473-5757>; suelipinheiro2011@gmail.com

Introdução

Os estudos estilísticos têm uma longa trajetória no ocidente. No Brasil, essa disciplina tem suas origens no início do século XX, sob a influência de duas correntes teóricas principais (MARTINS, 2012): a alemã, cuja abordagem constituiu a estilística literária, idealista ou individual, de abordagem psicologista, e que tem em Spitzer seu principal expoente; e a francesa, que desenvolveu uma estilística linguística ou expressiva, de base descritiva, com Bally como seu principal representante.

Entre os precursores da estilística no Brasil, destacam-se, por um lado, os trabalhos de Said Ali (1969[1920]), seguidor da escola alemã, e, por outro, Rodrigues Lapa (1945), Mattoso Câmara Júnior (1978; 2004 [1961]) e Gladstone Chaves de Melo (1976) e, mais recentemente, Nilce Sant'Anna Martins (2012), seguidores da escola francesa.

Said Ali deu início às discussões sobre estilística no Brasil com estudos voltados para questões gramaticais da língua, com ênfase na sintaxe. Destacou, ainda, os aspectos semânticos como importantes para as escolhas que fazem os sujeitos na construção de enunciados e, seguindo a linha teórica a que se filiou, considerou a “psique criativa do escritor ficcional” (FERREIRA; GLUSKOVA, 2017, p. 3). Em sua *Gramática secundária da língua portuguesa* (1920), articula estilística e sintaxe em uma grande divisão, na qual os exemplos apontam para formas alternativas da língua a serem escolhidas pelos falantes em função das situações de uso e dos respectivos registros (formal, coloquial etc.) Além disso, sua abordagem propõe uma relação de interdependência entre gramática e estilística, sendo o estilo o resultado das escolhas operadas sobre as possibilidades do sistema linguístico. Mattoso Câmara Jr, seguidor de Said Ali, embora herdeiro da escola francesa, faz a sua abordagem no campo linguístico e no literário. Em *Contribuições à estilística portuguesa* (1952), e *Dispersos* (1961), o autor imprime sua concepção de estilística como disciplina linguística voltada para o estudo da expressividade da linguagem e propõe uma relação de complementaridade entre gramática e estilística. O estilo, segundo Câmara Júnior, consiste na expressão individual do sujeito em relação à língua e sua posição é fortemente marcada pela concepção de estilo como desvio da norma, ao afirmar que o estilo “se caracteriza em regra, por um desvio da norma

linguística assente” (2004, p. 178). Tal perspectiva se contrapõe à concepção de estilo como escolha, adotada por outros autores, como veremos adiante.

Em *Estilística da Língua Portuguesa*, lançada em 1945, Rodrigues Lapa apresenta “em tom didático e normativo, valores expressivos do vocabulário português, das várias classes de palavras, e de algumas construções sintáticas” (MARTINS, 2012, p. 21). Ao tratar do “estilo assindético e a subordinação” (LAPA, 1998, p. 203), destaca o papel expressivo da entoação (na fala) em substituição à ausência de conjunção, semelhante à abordagem de Bakhtin (2013) em torno do período composto por subordinação sem conjunção, estudo que retomaremos adiante.

Também influenciado pela escola francesa, Gladstone Chaves de Melo, em *Ensaio de estilística da língua portuguesa* (1976), corrobora o pensamento que considera o estilo como fruto da escolha do falante entre os recursos presentes na língua. Nilce Sant'Anna Martins, seguindo seus colegas, influenciados não só pela escola francesa, mas pela estilística estrutural de Jakobson e pela estilística da enunciação, propõe uma estilística linguística dividida em vários níveis de análise: o fonético, o lexical, o sintático, o semântico, o enunciativo. Em *Introdução à Estilística* (2012), a autora apresenta um percurso histórico dos estudos estilísticos que parte da Retórica e termina na estilística da enunciação. Em seus níveis de análise, aborda a estilística do som, a estilística da palavra, a estilística da frase e a estilística da enunciação.

Essa breve apresentação dos precursores da estilística no Brasil informa sobre as diretrizes fundamentais que terão continuidade nas recentes pesquisas desenvolvidas sob a influência das obras dos autores do Círculo de Bakhtin. Duas orientações merecem destaque: a complementaridade entre gramática e estilística e a abordagem em um nível linguístico específico, como opera Bakhtin (2014) ao propor uma atividade escolar centrada na estilística sintática, além da perspectiva de que o estilo advém de escolhas linguístico-discursivas operadas pelos sujeitos na interação.

As obras de autores do Círculo chegaram ao Brasil no final dos anos 1970, quando começaram as primeiras traduções para o português. Atualmente, os estudos estilísticos em perspectiva bakhtiniana vêm se ampliando de modo significativo no Brasil em diferentes linhas de pesquisa que contemplam a linguística, a literatura, o ensino e os estudos do discurso nos quais, a nosso ver, o traço comum é que o estilo está na base da interação discursiva entre os sujeitos que, por meio de

escolhas linguístico-discursivas, *não apenas expressam, mas imprimem suas intenções comunicativas diante do outro do qual presumem uma resposta*. Isso nos coloca diante de relações axiologicamente dialógicas.

Nosso objetivo, neste artigo, é expor e sistematizar os conceitos de estilo em Bakhtin e Volóchinov, visto que os textos desses dois autores apresentam as concepções de estilo mais desenvolvidas no conjunto da obra do Círculo e que uma análise do percurso histórico desse conceito nas suas obras dos anos 1920 até os anos 1960 é fundamental para uma definição precisa. Além disso, essa proposta tem uma relevância para processo de ensino/aprendizagem de língua materna no contexto escolar, uma vez que, com a recente tradução de *Questões de estilística no ensino de língua* (2013), o conceito de estilo passa a ocupar um novo lugar nas metodologias de ensino.

O caminho metodológico de análise dos textos seguirá sua cronologia de produção dos textos de Bakhtin e de Volóchinov: “O autor e a personagem na atividade estética” (2011[1920-1924]); *A palavra na vida e palavra na poesia* (2019[1926]); *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2017[1929]); *Problemas da Obra/ Poética de Dostoiévski* (2015[1929-1963]); “Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística” (2019[1930]); “O que é a língua/linguagem?” (2019[1926]); *Teoria do romance I: a estilística* (2015[1930]); *Questões de estilística no ensino da língua* (BAKHTIN, 2013[1942-1945]); *Os gêneros do discurso* (2016[1952-3]). Iniciaremos nosso estudo pelos textos assinados por Volóchinov, considerando-se que o seu tempo de produção foi menor em relação ao de Bakhtin.

Não pretendemos homogeneizar o conceito de estilo no conjunto desses trabalhos, mas identificar sua evolução e apontar pontos de confluência, considerando tanto a perspectiva de cada autor como o período em que foram escritas ou publicadas as obras em questão.

1 Volóchinov: na vida e na poesia, “o estilo são dois”

Esta seção é dedicada a um dos principais membros do Círculo de Bakhtin e que apresentou, junto a Bakhtin, uma abordagem sociológica de estilo. Valentín Nikoláievich Volóchinov (1895-1936) defendeu e atuou no surgimento de uma *ciência*

da expressão, lugar reivindicado pela e para a estilística. O autor propõe o método sociológico para os estudos da linguagem e, juntamente com Pável Medviédev (1892-1938) uma poética sociológica na qual a seleção das palavras e a sua organização em uma forma artística são motivadas, por um lado, pela valorização que os sujeitos carregam consigo – a avaliação social – e, por outro, pelas intenções comunicativas do sujeito em relação ao seu auditório social.

Um dos principais conceitos abordados por Volóchinov foi o de enunciado, concebido como a unidade da interação ou comunicação discursiva, que pressupõe os falantes e uma parte extraverbal (situação e auditório) e assume a forma de um gênero do discurso, composto, entre outros elementos, pelas formas gramaticais e estilísticas. Um dos mais fortes elementos constitutivos do enunciado é o lugar social ocupado pelos sujeitos em interação, fator que será determinante para suas escolhas estilísticas. Nessa direção, reiteram Grillo e Américo (2017, p. 26): “a posição social do falante e do ouvinte determinam a escolha da construção” dos enunciados, estabelecida pela relação entre o sujeito e o seu horizonte social na concepção de estilo como um conjunto de valores socialmente construídos na esfera cotidiana e na esfera literária.

Desta feita, as escolhas estilísticas do sujeito resultam de suas vivências de linguagem em situações de interação, em que as relações de classe têm suprema relevância. Tais escolhas respondem a enunciados anteriores ao mesmo tempo em que, por meio delas, presume-se uma compreensão responsiva. Segundo Volóchinov, considerar o enunciado junto à situação do acontecimento¹ em que ele ocorre e as relações de classe entre os sujeitos em interação é imprescindível para o estudo da estilística.

Em seu artigo “A palavra na vida e a palavra na poesia” (1926) ao abordar a obra literária, Volóchinov afirma que o estilo de um poeta se origina de seu discurso interno e, baseado no tradicional conceito de Buffon, “O estilo é o homem”, Volóchinov imprime sua concepção sociológica do estilo: “podemos falar que o estilo é, pelo menos, dois homens, mais precisamente, o homem e seu grupo social na pessoa de seu representante autorizado, ou seja, o ouvinte que é o

¹ Termo utilizado pelo autor para designar “o conjunto de circunstâncias e condições de algo que acontece” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 258).

participante constante do discurso interior e exterior do homem” (VOLÓCHINOV, 2019[1926], p. 143). Nesta perspectiva, o estilo não se realiza apenas no campo individual, tampouco é concebido desarticulado do social, dada a imprescindibilidade do outro como representante de seu grupo social na relação entre os sujeitos, nas escolhas que fazem entre os mais variados modos de expressão de que dispõem, considerando-se que os enunciados se constituem de valorações sociais.

Ao tratar do aspecto “inaugural” da linguagem, para Volóchinov, “nenhuma palavra é dada ao artista de forma linguisticamente virgem: ela está prenhe de todas as situações cotidianas e de todos os contextos poéticos em que ela foi encontrada” (VOLÓCHINOV, 2019[1926], p. 119.) A palavra não está dissociada de outros enunciados além daquele em que se apresentará. De um modo ou de outro, ainda que não revele explicitamente a sua trajetória, a palavra revelar-se-á multifacetada e, ao mesmo tempo, única em um novo enunciado, impregnada de marcas dos percursos por onde passou.

Ao referir-se sobre a via de mão dupla que constitui o estilo, em seu texto “O que é a linguagem?” Volóchinov (2019[1930] p. 262) nos apresenta duas modalidades de estilo: o interior (o estilo da *alma*) inerente ao sujeito social em perspectiva mais subjetiva, e o exterior (estilo da obra), voltado para a construção do estético, considerando não apenas o caráter mais ou menos subjetivo do estilo, mas, sobretudo, a articulação dos elementos diferentemente abordados em outras perspectivas, como a que concebe o estilo centrado “no indivíduo” e a que o vê com primazia “na obra”.

Outro aspecto abordado pelo autor é a influência da relação sócio-hierárquica entre os interlocutores na construção do enunciado, pois *os estilos*² se realizam na interação entre sujeitos socialmente organizados de tal maneira que determinam tanto a forma do enunciado, que está relacionado ao aspecto estrutural da língua, quanto o seu estilo, como o resultado das escolhas linguístico-discursivas do sujeito.

Tais escolhas têm uma relação direta com os gêneros discursivos e estão ancoradas nas intenções comunicativas dos sujeitos e nas possibilidades de usos da linguagem que cada gênero requer. Neste caso, a avaliação social³ somada à situação do

² Grifo meu, para denotar a heterogeneidade de estilos.

³ “Elemento constitutivo da palavra ligado aos diversos sentidos adquiridos por ela em

enunciado constituem a forma estilística e a própria estrutura gramatical do enunciado. Isso nos aproxima da afirmação de que o contexto do enunciado, de um modo ou de outro, regula nossas ações em nossos modos de dizer e, embora haja particularidades dos sujeitos, há outros modos que emanam de seu horizonte social.

Volóchinov reivindicou uma ciência da expressão e faz a distinção entre o estilo na arte (literatura) e o estilo na vida, o que representa a perspectiva de diferentes usos da linguagem. No primeiro caso, o autor-poeta-escritor empreende um “trabalho” do artista na palavra que difere do procedimento do falante na linguagem cotidiana, a qual é mais pressionada e limitada pelas condições de uma situação mais imediata de uso da linguagem. Na poesia, a palavra é limitada para expressar tudo o que “alma” quer dizer, por isso, no seu labor, a se ver preso às convenções da língua, o autor seleciona a palavra que lhe está disponível no corpo social. No entanto, é na esfera da arte que o autor pode, por meio de suas escolhas, dizer o oposto do que parecem dizer as palavras, assumir sentidos que remetam aos interlocutores (leitor, autor, herói) e libertar-se em relação aos próprios padrões estabelecidos. Por outro lado, para o autor, a palavra “na vida”, destina-se a um interlocutor real (não abstrato) e se manifesta de modo mais imediato, porém também está mais presa às convenções da linguagem, no que diz respeito aos diferentes usos cotidianos. A palavra é, portanto, a ponte entre os sujeitos na arena de conflito em que se situa, bem como é impregnada de avaliação social que se somará a outras valorações, quando tomadas por outros sujeitos, nesse sentido, por meio do estilo, pode-se moldar um significado.

Depreende-se que, na construção do enunciado (e também do estilo), há de se levar em conta elementos internos e externos à língua como, por um lado, o fonema, a palavra, a frase; por outro, a situação, o auditório social, a orientação social e a avaliação social. Todos os elementos do estilo de uma obra poética, do conteúdo à expressão, estão impregnados da atitude valorativa do autor, enfim, da sua postura social principal. Neste sentido, na obra *Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística*, afirma:

diferentes contextos de uso” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 357).

SILVA, S. P. Estilo e estilística em Bakhtin e Volóchinov: perspectivas em diálogo

Todo conteúdo da *Linha D'Água* está sob Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License

Para o poeta, cada palavra é um valor (semântico, fonético etc.), e a escolha de certa palavra e não de qualquer outra é um ato de *preferência* [...] a escolha da palavra e a atribuição do seu lugar no todo verbal se dão em um único ato. Tanto a escolha quanto à disposição das palavras-valores conformam-se com seu peso valorativo. (VOLÓCHINOV, 2019[1930] p. 231).

No universo social em que se forma, a palavra é um elemento do discurso por meio do qual o sujeito expressa verbalmente o que deseja, fruto de escolhas relacionadas ao seu valor axiológico de acordo com as intenções que lhe são pertinentes. O estilo na poesia também compreende um conjunto de fatores ancorados no aspecto social, como a avaliação, a cuidadosa seleção enunciativa do locutor junto aos gêneros discursivos em que se imprimem e se expressão dadas as especificidades em que ocorrem, muito além do aspecto meramente relacionado às escolhas linguísticas e individuais do sujeito.

No método sociológico proposto por Volóchinov, a linguagem e seus diferentes modos de uso estão relacionados intrinsecamente às posições sociais dos falantes, às condições de realização do enunciado, às valorações sociais intrínsecas aos signos ideológicos, à interação discursiva/verbal. Para o autor, estilo é o encontro de perspectivas de sujeitos durante a interação dialógica, voltadas para um mesmo objeto e constituídas a partir de avaliação social partilhada entre, pelo menos, dois interlocutores.

Ainda em relação ao estilo nas manifestações artísticas Volóchinov (2017[1929], p. 256) refere-se ao discurso do outro e empresta do campo da arte os seguintes conceitos de estilo: o estilo linear (citação do discurso do outro)⁴, que diz respeito à transmissão do discurso do outro na busca de “manter os contornos entre o contexto autoral e o discurso alheio”, promovendo a homogeneidade no estilo e na linguagem de autores e personagens; e estilo pictórico (transmissão do discurso do outro)⁵ no qual se apagam os contornos “exteriores à palavra” autoral e alheia, permitindo que penetrem entonações, humor, tornando individualizadas as

⁴ BRAIT, 2014.

⁵ BRAIT, 2014.

particularidades linguísticas do discurso alheio. Tais tipos de estilo não prescindem de seus respectivos modos de expressão de avaliação.

Um desses modos de expressão é a entonação⁶, outro elemento que assume importante papel na construção do enunciado. Trata-se da realização dos tons mais enfáticos e mais sutis efetuados na *escolha* e na *colocação* do material verbal, mais notadamente na obra poética, que não prescinde de nossos atos de linguagem, além dos elementos da vida ideológica inerentes à construção do enunciado, como a cultura, os juízos de valor, a superestrutura, as relações discursivas e os discursos pré-existent. A entonação seria uma acentuada expressão da avaliação por meio da qual o sujeito do discurso se posiciona de modo contundente em relação ao que pretende de seu interlocutor diante dos enunciados que produz. Neste aspecto do enunciado, as escolhas são feitas baseadas numa relação viva, enérgica entre os sujeitos envolvidos e o próprio objeto. Como os demais aspectos, o enunciado verbal é orientado em duas direções: tanto para interlocutor a quem se destina quanto para o “objeto” a que ou a quem se refere. Para Volóchinov, tanto na arte, com ênfase nas especificidades do texto literário quanto na vida cotidiana, o sujeito almeja a compreensão socialmente responsiva de seu interlocutor, visto que nele se imprimem diferentes valorações expressas em diferentes esferas de circulação da atividade humana.

Os preceitos até então apresentados nos revelam muito acerca da concepção de Volóchinov sobre estilo, que se realiza na interação entre sujeitos, social e historicamente situados, como resultado de suas escolhas com vistas à construção de enunciados concretos, impregnados que são de valorações.

2 Bakhtin e a estilística metalinguística: “onde há estilo, há gênero”

Esta seção é dedicada a Bakhtin (1895-1975), considerado na literatura disponível sobre ele uma grande, senão a maior expressão do Círculo, não por acaso nomeado de Círculo de Bakhtin, que, junto a Volóchinov, apresentou e defendeu uma abordagem sociológica da linguagem. Nesta sequência será possível acompanharmos a trajetória do conceito de estilo construída pelo autor.

⁶ “expressão da valoração, da situação e do auditório” (VOLÓCHINOV, 2013[1930], p. 176-177).

No âmbito da discussão sobre estilo, já na primeira de suas obras acima mencionadas “O autor e a personagem na atividade estética” (2011[1920-1924]), as relações entre o autor e o herói, autor-pessoa e as fronteiras que se estabelecem entre eles na construção do texto literário, Bakhtin se refere à estilo com a noção de “acabamento”:

Chamamos estilo à unidade de procedimento de enformação e acabamento da personagem, do seu mundo e dos procedimentos, por estes determinados, de elaboração e adaptação (superação imanente) do material (BAKHTIN, 2011[1920-1924], p. 186).

Trata-se de uma concepção que vamos chamar de preliminar, tendo em vista a produção escrita que estaria por vir a partir da obra fonte da citação. Vê-se que no percurso de construção do conceito de estilo, Bakhtin se reporta à literatura, portanto, à arte, onde provavelmente se situa grande parte dos estudos mais clássicos sobre estilo. De todo modo, já é possível perceber no texto acima a dimensão que o autor dá a este “acabamento” quando associado à “enformação” e relacionar os termos e o próprio conceito aos aspectos estéticos da obra, considerando a maestria do seu criador e o diálogo que estabelece com os elementos que advém da obra que também moldarão a obra. Ao autor criador Bakhtin atribui o “excedente de visão”, elemento de relevada importância para a perspectiva dialógica da linguagem, por conseguinte, de estilo.

Bakhtin apresenta duas perspectivas de estilo ao distinguir o “grande estilo” (como o estilo da visão de mundo), o qual teria primazia sobre o segundo, “o estilo da elaboração do material” (BAKHTIN, 2011, p. 186). Amparados nesta afirmação temos um conceito de estilo que atravessa em duas direções: a de estilo na vida e a de estilo na obra, o que de algum modo pode nos orientar na percepção de uma complementaridade entre Bakhtin e Volóchinov quanto se referem respectivamente ao estilo na poesia e o estilo na prosa e ao estilo na vida e o estilo na poesia. Ainda na mesma obra, exemplifica a afirmação anterior: “a visão de mundo constrói e unifica o horizonte do homem, o estilo constrói e unifica o seu ambiente” (BAKHTIN, 2011[1920-1924], p. 189). Segundo ele, é somente no estilo, fundamentado e apoiado pela tradição, que se dá a responsabilidade da criação

individual (BAKHTIN, 2011, p. 190). Isso nos remete à discussão sobre a perspectiva individual de estilo, amplamente discutida nesse campo de estudo, sobretudo quando se trata da abordagem sociológica defendida pelos autores do Círculo.

Certo do fato de que a linguística não daria conta dos fenômenos dialógicos da linguagem, Bakhtin defende a instauração de uma estilística metalinguística, voltada para as questões discursivas que superam os limites da linguística (BAKHTIN, 2015 [1929-1963]). Neste caso, deveriam ser considerados, além dos elementos formais e estruturais da língua, outros tantos que constituem as linguagens, os discursos, tendo em vista que, segundo o autor, as relações dialógicas se situam no campo extralinguístico e são, por isso, metalinguísticas (BAKHTIN, 2015 [1963]). Tal perspectiva, não apenas era eximida pelos estilísticos da época, como se contrapunha a eles porque consideravam apenas os elementos formais e estruturais, notadamente marcados na língua. Para Bakhtin, no entanto, a estilística precisava se situar também num campo em que pudesse contemplar os estudos metalinguísticos:

A estilística deve basear-se não apenas e nem tanto na linguística, quanto na metalinguística, que estuda a palavra não no sistema da língua e nem num 'texto' tirado da comunicação dialógica, mas precisamente no campo propriamente dito da comunicação dialógica, ou seja, no campo da vida autêntica das palavras (BAKHTIN, 2015 [1963], p. 231-232).

Nesse sentido, conforme postulou o autor, as relações dialógicas também ocorrem entre os estilos de linguagem, uma vez que eles são constituídos de modo a considerar o(s) "outro(s)" sujeito(s), dizer(es), discurso(s). Tal abordagem era desconsiderada pela estilística, pela semântica e pela lexicologia da época em que Bakhtin produziu seus textos.

Em continuidade à construção do seu conceito de estilo, Bakhtin encontra nos romances de Dostoiévski fonte abundante. Em *Problemas de Poética de Dostoiévski* (2015 [1929-1963]), ao analisar obras deste autor, instaura a tese do romance polifônico, um gênero de discurso marcado e constituído pela pluralidade de vozes plenivalentes em diálogo. No romance de Dostoiévski, por meio de suas personagens, o autor cria, expõe e "ouve" as vozes com diversos pontos de vista, que podem concordar ou discordar dele (CLARK; HOLQUIST, 2004), o que nos

diz sobre a capacidade de Dostoiévski de “ouvir” vozes alheias que por vezes são suas e, assim, perceber e levar em consideração diferentes pontos de vista, tal como Bakhtin percebera e destacara em sua obra.

As obras de Dostoiévski, para Bakhtin, traduzem-se num trabalho artístico que coloca em cena os contrastes, o contraponto e o tensionamento de ideias humanas representadas pelas personagens, que não são individualizadas ou assim caracterizadas, como tradicionalmente faziam os romances até então estudados ao contrário, representam vozes sociais. Em Dostoiévski, o herói (ou personagem) goza de plena autonomia em relação ao autor; suas vozes se manifestam nitidamente; os discursos são narrados de modo a promover e a revelar a pluralidade assim como a interação de muitas consciências, verdades e posições ideológicas.

Entre outros tipos de discurso, destaca-se a polêmica interna para a construção do estilo, pois trata-se de um discurso que “visa ao discurso hostil do outro” (BAKHTIN, 2015 [1929-1963], p. 25) e que se manifesta na linguagem cotidiana. Esta, para o filósofo russo, apresenta diversas modalidades de discursos, do mais “empolado” aos mais evasivos, com a finalidade de o locutor provocar de modo incisivo no outro uma resposta presumida. (BAKHTIN 2015 [1929-1963]). Tal importância da polêmica interna para o estilo deve-se, então, ao fato de que, em sua ocorrência, mobiliza-se uma grande variedade de modos de dizer que estão presentes no discurso cotidiano, lugar preñado da língua viva.

Na análise dos romances de Dostoiévski, presentificou-se como elemento estilístico o herói como agente de um mundo polifônico em que as personagens são dotadas de plenos direitos, na perspectiva de que os homens ali representados são sujeitos, não objetos do autor, da história, da linguagem ou da vida (BAKHTIN, 2015 [1929-1963]). No romance polifônico, portanto, considera-se “o valor da variedade da linguagem e as diversas características do discurso” (BAKHTIN, 2015 [1963], p. 208), uma demonstração de resistência do autor em relação ao discurso monofônico.

Em relação a essas escolhas ou ainda mais especificamente sobre estilo em Dostoiévski e sobre monologismo, afirma Bakhtin:

[...] a unidade do romance de Dostoiévski está *acima* do estilo pessoal e *acima* do tom pessoal nos termos em que estes são entendidos pelo romance anterior a Dostoiévski. Do ponto de vista da concepção monológica da unidade do estilo

(...), o romance de Dostoiévski é pluriestilístico ou sem estilo; do ponto de vista da concepção monológica do tom, é polienfático e contraditório em termos de valor; as ênfases contraditórias se cruzam em cada palavra de suas obras (BAKHTIN, 2015, p. 16-17).

De modo categórico, Bakhtin afirmou que “o romance polifônico é inteiramente dialógico” (2015, p. 47), na medida em que mobiliza ou constitui, a exemplo de Dostoiévski, “um grande diálogo”, em que diferentes vozes se encontram em diferentes perspectivas. Outro aspecto característico do estilo do romance seria o fato de ele compreender uma grande diversidade de gêneros, o que também o constituiria com gênero polifônico por excelência, no qual as personagens não representam personalidades individuais do mundo, mas seres cujas autoconsciências são reveladas em conflito e em consonância com outras, citando-as, descrevendo-as, refutando-as no “grande diálogo” e no “microdiálogo”, marca estilística de Dostoiévski, tal como nos demonstrou Bakhtin. No contraponto, os tipos de discursos convencionalmente classificados há uma relação de supremacia do discurso do autor (referencial) em relação ao discurso do herói (objetificado). Sendo assim:

[...] a elaboração estilística do discurso objetificado, ou seja, do discurso do personagem, subordina-se às tarefas estilísticas do contexto do autor – instância suprema e última- do qual esse discurso é um momento objetificado. Daí decorre uma série de problemas estilísticos, relacionados com a introdução e a inclusão orgânica do discurso direto da personagem no contexto do autor (BAKHTIN, 2015 [1963], p. 215).

O estudo de Bakhtin acerca do dialogismo foi desenvolvido, considerando a presença do outro na constituição discursiva de Dostoiévski. E é daí que advém a sua afirmação de que a função artística do estilo não cabe nos limites da estilística linguística, pois, neste caso, os autênticos formadores do estilo, para o autor, ficam fora deste campo de visão (BAKHTIN, 2015 [1929-1963]). Em relação a isso, reitera Brait:

[...] o estilo artístico não trabalha com palavras, mas, como componente do mundo, com os valores, pois o estilo de uma obra poética está também impregnado da atitude avaliativa do autor (2014, p. 87).

Esta citação nos remete a um componente constitutivo do estilo: a valoração que o autor ou qualquer outro sujeito discursivo imprime no seu dizer, seja na arte ou “na vida”, o que nos coloca diante da valoração do “outro” na constituição estilística.

Nesta etapa de construção conceitual, em que o encontro de vozes é uma marca, é perceptível o lugar ocupado pelo romance polifônico na perspectiva dialógica e metalinguística bakhtiniana.

Após ter feito minuciosa análise da obra de Dostoiévski, Bakhtin escreve *Teoria do romance I: a estilística* (2015 [1934-36]), inicialmente traduzido na coletânea *Questões de literatura e estética*, obra na qual ele ratifica o romance como o gênero polifônico por excelência, neste caso, “pluriestilístico, heterodiscursivo e heterovocal” (BAKHTIN, 2015 [1934-36], p. 27). Para tanto, ao tratar da diversidade de discursos no romance, o autor nos apresenta o conceito de heterodiscurso como:

[...] produto da estratificação interna de uma língua única em dialetos sociais, falares de grupos, jargões profissionais, e compreende toda a diversidade de vozes e discursos que povoam a vida social. Trata-se de um universo discursivo povoado por uma diversidade de linguagens e vozes sociais (BAKHTIN, 2015 [1934-36], p. 12-13).

Tal conceito, que assume cabal relevância na obra em questão, nos remete à disposição de vozes nos romances de Dostoiévski e nos encaminha para a abordagem acerca da estilística metalinguística, já mencionada na obra anterior. Para Bakhtin, “é justamente a natureza heterodiscursiva da língua, e não a sua unidade normativa comum, que constitui o fundamento do estilo” (BAKHTIN, 2015, [1934-36], p. 90). Esse argumento favorece a abordagem de uma estilística voltada para a diversidade de discursos ali impressos, de modo que, no romance, o estilo reside na combinação de estilos; enquanto a linguagem é um “sistema de linguagens” (BAKHTIN, 2015 [1934-36], p. 29) tamanha é a possibilidade de ele comportar

variadas e diferentes vozes, imiscíveis, colocadas lado a lado, ocupando espaços discursivos igualmente significativos.

Podemos perceber ainda que, de modo mais contundente, o autor retoma a crítica à estilística tradicional da época e a contrapõe à estilística sociológica por ele defendida. Sua crítica incide sobre o fato de a primeira estar voltada aos aspectos da composição da obra, o que para o autor trata-se de uma abordagem restritiva que concebia o estilo como “individualização da língua geral”, sem considerar a ‘palavra viva’, ignorando a sua vida social” (BAKHTIN, 2015 [1934-36], p. 31) e tomava apenas a palavra abstrata da linguística a serviço da maestria individual do escritor (BAKHTIN, 2015 [1934-36], p. 21), em enunciados monológicos.

Em outra direção, na estilística metalinguística, concebe-se o discurso como fenômeno social, no qual forma e conteúdo são indivisíveis, de modo que tais elementos não podem ser analisados destituídos um do outro, pois fazem parte de um todo articulado. Considera-se aqui a diversidade de linguagens expressas na obra, o heterodiscurso, as linguagens socioideológicas, conjugadas ao aspecto dialógico da linguagem. Para isso, o autor se apoia na “estilística do gênero” (BAKHTIN, 2015[1934-36] p. 21). Neste caso, a diversidade de discursos assume papel relevante, ao se levar em consideração a variedade e diversidade de gêneros por meio dos quais interagimos na vida.

Para Bakhtin, o discurso já nasce dialógico como representação ou ato responsável a outro discurso, pressupõe uma resposta porque é destinado ao outro sujeito, cuja compreensão influencia de modo cabal o estilo adotado pelo destinador ou autor emissor.

Em relação ao papel do estilo na perspectiva dialógica, em manifestações examinadas por Bakhtin (2015), afirma o autor:

A atitude em face da palavra do outro, da enunciação do outro é da competência do estilo. O estilo inclui organicamente indicações externas e as correspondências dos seus elementos com elementos do contexto do outro. A política interna do estilo (a combinação de elementos) é determinada por sua política externa (pela relação com a palavra do outro). É como se a palavra vivesse na fronteira do meu contexto e do contexto do outro (BAKHTIN, 2015 [1934-36], p. 57).

Reitera-se portanto, que o estilo está na base das relações dialógicas, pois se constitui por via da palavra, do contexto, do “estilo” do outro, de réplicas e tons numa constitutiva articulação entre elementos verbais e extraverbais.

Nessa outra etapa de construção conceitual, baseando-se a heterodiscursividade da língua, fruto da divisão da sociedade em classes, concebe-se o romance como “um heterodiscurso social artisticamente organizado, às vezes uma diversidade de linguagens e uma dissonância individual” (BAKHTIN, 2015, p. 29). Sendo assim, a estratificação social reflete-se nos diversos modos de dizer na língua, e disso decorre também que o estilo está em jogo. Nesta perspectiva, o estilo é incorporado às noções de variedade, pluralidade, típicas da língua viva, distanciando-se da concepção de uma língua única, de um discurso monológico.

A discussão de Bakhtin acerca do estilo, como podemos perceber, incide sobre o romance como gênero pluriestilístico, considerando sua especificidade, e assume um caráter iminente social, visto que nele se encontram diversas vozes representativas das vozes sociais manifestadas por personagens que assumem a representação de categorias e classes sociais.

Bakhtin distingue o estilo na poesia “que exclui intenções e acentos alheios” e “apaga todos os vestígios do heterodiscurso e da diversidade de línguas” (BAKHTIN, 2015[1934-1936], p. 75), da prosa, sobretudo, no romance, conforme discutido.

A perspectiva aqui apresentada orienta a compreensão acerca da abordagem que o autor propõe sobre estilo: tantos são os estilos como diversas são as linguagens, as vozes, os gêneros, os contextos, as intenções do falante e os próprios sujeitos. Nesse sentido, o romance seria, entre os gêneros, aquele em que caberia o encontro de toda essa diversidade de vozes, gêneros e discursos, no qual a língua é tomada como um fenômeno heterodiscursivo.

Em continuidade a seu estudo sobre estilo, no trabalho intitulado *Questões de estilística no ensino de língua* (BAKHTIN, 2013 [1942-1945]), Bakhtin também deixa uma importante contribuição acerca da discussão sobre estilo para o campo do ensino. Nesta obra, Bakhtin defende a estilística articulada à gramática no ensino de língua. Para ele, “toda forma gramatical é, ao mesmo tempo, um meio de representação. Por isso pode e deve ser analisada, esclarecida e avaliada de uma perspectiva estilística” (BAKHTIN, 2013, p. 24). Embora o autor entenda a

gramática e a estilística como distintas, ele também as vê como complementares e, ao tratar sobre a dicotomia existente entre os dois conceitos, afirma:

[...] a gramática e a estilística convergem em qualquer fenômeno concreto de linguagem: se o examinamos apenas no sistema da língua estamos diante de um fenômeno gramatical, mas se o examinarmos no conjunto de um enunciado individual ou do gênero discursivo, já estamos diante de um fenômeno estilístico (BAKHTIN, 2016 [1950], p. 22).

Nesse sentido, o autor desvincula o ensino da sintaxe do ponto de vista exclusivamente gramatical e introduz o estilo. Não um estilo como mera manifestação individual, mas aquele que o considera na perspectiva do autor/leitor como elementos constitutivos da estrutura enunciativa. Para isso, parte da abordagem da estilística metalinguística, a qual compreende a língua em superação aos aspectos formais.

Considera-se como elementos da constituição do estilo a expressividade, a dramaticidade (elementos que constituem a língua viva) (BAKHTIN, 2013 [1942-45], p. 32). A partir de então, o sujeito pode, no processo de aprendizagem da língua, conhecer e identificar modos diferentes de dizer e fazer escolhas baseadas nos seus propósitos discursivos. Em consequência, o contato com diferentes registros mobiliza o aluno a estabelecer comparações, avaliações, adequações, a perceber os efeitos de entonações, como outros elementos que constituem a expressividade nos mais diversos enunciados com os quais se depara na vida e possibilita à escola superar o ensino “livresco”, ampliando as possibilidades de usos da palavra “com alma”, dotada da expressividade necessária ao ensino, presente e constitutiva em interações diversas.

Por volta de uma década mais tarde no texto, *Os gêneros do discurso* (2016 [1952-3]), Bakhtin desenvolve uma discussão pontual centrada nos gêneros discursivos, na qual assume de forma contundente a perspectiva da “estilística do gênero”, já tratada também por ele em obra anterior, com menor predominância. Para o autor, “todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2016 [1952-3], p. 17). Tamanha é a importância dessa relação, que, segundo ele, “quando há estilo, há gênero” (BAKHTIN, 2016 [1950], p. 21). Essa abordagem, como podemos perceber,

também se desloca das perspectivas que colocam o estilo no campo individual do autor, considerando seu ato de criação na linguagem.

Na obra em questão, o enunciado (concreto) é abordado como *a unidade real da língua* em que sujeitos em interação assumem posições, provocam e protagonizam a compreensão responsiva. Nesse caso, para a constituição do estilo, “a palavra é determinada não só pela sua relação com o objeto, mas também por sua relação com a palavra do outro, o estilo do outro” (BAKHTIN, 2016 [1952-3], p. 129). E, considerando a especificidade dessa palavra – que circula no mundo porque já foi dita – selecionamos aquela que mais convém aos nossos propósitos comunicativos, a mais apropriada ao nosso enunciado e assim descartamos outras que não nos convêm no momento dessa escolha. Dessa maneira, construímos nosso estilo, já que “a situação, a finalidade e o objeto determinam também a escolha do estilo (das palavras e das formas gramaticais) e a escolha do gênero discursivo” (BAKHTIN, 2016 [1950], p. 129). Nessa cadeia dialógica estabelecida, o “outro”, em todas as suas dimensões, assume lugar de destaque, porque sempre está na base da constituição do sujeito e dos seus modos de viver a língua.

Ao assumir a perspectiva de uma estilística do gênero, Bakhtin defende também “a estilística da língua como disciplina autônoma” (BAKHTIN, 2016 [1950], p. 19), pois, como já afirmado, nem a estilística linguística nem a estilística literária deram conta de fazer um estudo apropriado, na opinião do autor, que considerasse todos os elementos de que ela se constitui. Um estudo que “só será correto e eficaz se levar permanentemente em conta a natureza do gênero dos estilos linguísticos e basear-se no estudo prévio das modalidades de gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2016, p. 19). Ao reiterar a relação intrínseca entre gramática e estilística, afirma o autor que “a seleção que o locutor efetua de uma forma gramatical já é um ato estilístico” (BAKHTIN, 2016 [1950], p. 22), pois essa seleção não é feita aleatoriamente, ao contrário, ela manifesta escolhas pautadas em intenções comunicativas do sujeito falante mediadas nas práticas sociais de uso da língua, como os gêneros discursivos. Desse modo,

A escolha dos meios linguísticos e dos gêneros de discurso é determinada, primeiramente, pelas tarefas, (ideia) do sujeito do discurso (ou autor) centradas no objeto e no sentido. É o primeiro elemento do enunciado que determina as suas

peculiaridades estilístico-composicionais. O segundo elemento do enunciado que lhe determina a composição e o estilo, é o elemento *expressivo*, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado (BAKHTIN, 2016, p. 47).

Na plenitude de vozes, a palavra do outro é reacentuada ao incorporar a valoração de quem a assume como tal. Isso porque, ao assumirmos o discurso “do outro”, é inevitável nele imprimirmos nossas valorações, de modo a adotarmos uma posição diante dele. Por conseguinte, a palavra, o enunciado já não são os mesmos, passando então a se constituir em outra palavra, outro enunciado.

Nas escolhas voltadas para o sujeito ao qual se destina, relacionadas a sua perspectiva quanto aos sentidos que busca, o sujeito lhe imprime o estilo individual, a saber: o elemento expressivo e nele fica impressa “a relação valorativa do falante com o objeto de seu discurso, que também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (BAKHTIN, 2016 [1950], p. 47). Dessa forma, reiteradamente no campo estilístico, as escolhas são feitas ao se levar em consideração não apenas o enunciado, mas a percepção do outro (falante, destinatário, interlocutor – na perspectiva bakhtiniana – o autor, o herói e o ouvinte). Isso implica no fato de que o estilo depende também do modo como o locutor percebe e compreende seu destinatário e de como presume uma compreensão responsiva e ativa. A constituição do estilo se dá, portanto, no movimento discursivo da palavra “boca a boca”, o que a torna preta de valorações dos sujeitos que a utilizam nas mais diferentes situações da vida. E, nesse dinâmico movimento da linguagem, surgem novas formas discursivas que logo vão se constituindo pelo estilo.

As contribuições de Bakhtin para os estudos do estilo, tal como procuramos demonstrar neste trabalho, são fecundas, sobretudo porque sua discussão atravessa os aspectos que dizem respeito à perspectiva dialógica que coloca o sujeito na incompletude sem o outro, no campo literário, do ensino e em demais esferas distintas e importantes para os estudos do discurso.

Considerações finais

A partir do levantamento apresentado sobre o estudo do estilo no Brasil e nas obras mencionadas de Bakhtin e Volóchinov, constatamos que há um considerável acúmulo de pesquisas oriundas de diferentes direções teóricas, o quão profícuas são e como são suscetíveis às contribuições de diferentes abordagens teóricas e metodológicas. Identificamos nos trabalhos influências francesa, alemã e, finalmente (de acordo com a disposição neste trabalho), russa, nosso maior enfoque. Feita a reflexão acerca dos russos Bakhtin e Volóchinov, retomamos os elementos que indicam a complementaridade entre os autores em relação às concepções de estilo por eles abordadas. É válido considerar que, embora contemporâneos entre si e sendo membros do mesmo “Círculo” (o que favorece as convergências conceituais), os textos foram escritos por sujeitos distintos e boa parte deles em períodos diferentes, ainda que próximos. Além disso, o tempo de vida e de produção dos autores também foi diferente, o que justifica a abordagem de um estudo sobre o estilo considerando-se o percurso temporal entre as obras.

Volóchinov e Bakhtin defenderam uma ciência da linguagem baseada no método sociológico, no qual os estudos se baseiam no enunciado concreto, concebido por ambos como elemento essencial da interação verbal. Desse modo, o estilo está na base da interação entre os sujeitos que, por meio de escolhas linguístico-discursivas expressam e imprimem suas intenções comunicativas diante do outro. Nesta perspectiva, a constituição do estilo pressupõe a compreensão responsiva, já que é formada a partir do contexto histórico em que os sujeitos se situam, a fim de buscar uma resposta, já presumida, do outro. Isso nos coloca perante às relações axiologicamente dialógicas.

Volóchinov analisa a(o) palavra/estilo/discurso em duas dimensões: na vida – que se constitui com interlocutores *reais* nas situações (concretas) mais cotidianas – e no campo da arte, na poesia, a fim de apontar semelhantes e distintos modos como interagimos nesses campos, para ele distintos, por meio da linguagem. No que diz respeito à poesia, o autor questiona sobre a autonomia do escritor em relação às escolhas que faz, já que há restrições intrínsecas aos usos da linguagem, sobretudo no campo da arte, pois as palavras nos faltam ou não bastam para

expressar nossas emoções ou tudo aquilo que “a alma quer dizer” (VOLÓCHINOV, 2019 [1930], p. 252). Isso exige um certo “labor” do escritor cuja gênese da causa está na relação que pretende estabelecer com seus leitores, o que traz à cena o seu propósito enunciativo voltado para uma compreensão responsiva, uma resposta presumida de seus interlocutores.

Intrinsecamente ligada à ideologia, a linguagem traduz dá lugar a polêmica, às réplicas que se manifestam por meio do signo, da palavra, grandes veiculadores de sentido. Por isso, para Volóchinov, os signos são ideológicos, materializam-se em parte pela palavra e se constituem no processo de interação social, nas relações entre sujeitos sociais com a realidade. Volóchinov encontra no discurso alheio (considerado autônomo), as formas de manifestações discursivas que implicam diversos modos de dizer a partir da palavra do outro, constituída de diversos estilos. De acordo com o método sociológico, a linguagem e seus diferentes modos de uso estão relacionados intrinsecamente às posições sociais dos falantes, às condições de realização do enunciado, à avaliação social expressas nos signos ideológicos produzidas na interação verbal. Nesta perspectiva, no estilo se imprime a relação do autor com os interlocutores – ou do herói com seu auditório.

Paralelamente, ao “discurso alheio” de Volóchinov, Bakhtin destaca a multiplicidade de vozes, o movimento da palavra “boca a boca” que ecoam nos mais diversos momentos de interação humana, em especial no romance, lugar onde habitam em abundância os gêneros, práticas sociais em que se situam e se realizam tais vozes. Bakhtin defendeu, ao longo das obras, a estilística metalinguística e situou o estilo *no gênero* discursivo, como elemento expressivo da linguagem, legitimou abordagem da estilística articulada à gramática ao mencionar o encontro da palavra “com alma” e levou esta reflexão para o ensino de língua russa, deixando grande contribuição neste campo.

De acordo com a cronologia dos textos de Bakhtin, inicialmente a sua concepção de estilo estaria relacionada ao acabamento da personagem, dos procedimentos e da elaboração do material, perspectiva voltada para a relação entre autor e personagem como determinante para a emolduragem por meio da qual seriam expressas as suas axiologias. Trata-se de um conceito que parte de uma visão de

mundo seguida da elaboração do material em que se demonstra um viés, ainda que secundarizado, notadamente voltado à perspectiva estética.

Na sequência, a partir da análise das obras de Dostoiévski, a concepção de estilo do autor alarga em grande escala a compreensão dialógica da polifonia inscrita no romance, para ele pluriestilístico, como palco do diálogo social, do encontro de vozes, de consciências autônomas e de sua relação com outros gêneros. Assim, o estilo assume o papel de constituir-se na base heterodiscursiva da linguagem. Nesta fase, Bakhtin já anuncia abordagem de sua estilística metalinguística

No campo do ensino, Bakhtin defende uma estilística constitutivamente relacionada à gramática, pois um fato gramatical já é também um fato estilístico. Tal concepção corroborada por uma experiência de ensino relatada pelo autor, favorece ao aluno aprender a língua de modo a fazer uso da palavra, da oração na perspectiva de perceber, entre outros sentidos, o que a “alma” quer dizer e lhe possibilitaria fazer escolhas na composição de seus textos. Por fim, Bakhtin embora feitas menções anteriores, situa categoricamente o estilo *no gênero*, posto que é um de seus elementos constitutivos.

Considerando a complementaridade conceitual entre os autores, especificamente sobre estilo, lembramos que Volóchinov afirma se refere à avaliação individual (VOLÓCHINOV, 2017), posto que toda avaliação se constrói socialmente, ao passo que Bakhtin considera o estilo como individual relativo às impressões mais pessoais do sujeito ao mesmo tempo em que é social e que, tal como o discurso, é aí constituído. Essa complementaridade se apresenta nos modos como os autores organizam os seus pensamentos: Volóchinov analisa o estilo na vida do estilo na arte, Bakhtin refere-se ao estilo na poesia e na prosa. Em ambas as perspectivas se presentificam valorações em diferentes modos de expressão ou esferas de circulação e, dialogicamente, se imprimem nos enunciados.

Nota-se, portanto, um elevado grau de complementaridade no pensamento dos autores para os quais o estilo – como a linguagem em perspectiva metalinguística – se constitui social, ideológica e dialogicamente, prenhe de vozes, de valorações constituídas e destinadas ao outro por meio (de escolhas), do gênero, lugar da interação social. Trata-se de fenômenos protagonizados pelo homem que emergem no pensamento do Círculo: um sujeito sócio-histórico-ideológico e dialógico

constituído no e pelo outro, cujo papel é fundamental para as escolhas discursivas operadas no movimento interacional.

A análise das concepções de estilo difundidas no Brasil antes da chegada dos estudos do Círculo, nos permitiu identificar abordagens teóricas de diferentes correntes. A partir dos estudos estilísticos de Bakhtin e Volóchinov aqui apresentados, podemos afirmar que estamos diante de concepções que caminham na direção de uma relação de continuidade na qual uma obra completa e elucida outra.

Embora não estivessem na base dos estudos sobre estilísticos no Brasil, conforme demonstrado na primeira parte deste trabalho, as obras de Bakhtin e Volóchinov revelam convergências conceptuais com autores nacionais no que diz respeito à relação de complementaridade entre gramática e estilística e à abordagem em um nível linguístico específico, como opera Bakhtin (2014) ao propor uma atividade escolar centrada na estilística sintática, além da perspectiva de que o estilo advém de escolhas linguístico-discursivas operadas por sujeitos em interação (BAKHTIN, 2015[1952]; VOLÓCHINOV 2019[1930]). Trata-se de um ponto de partida para a constatação da grandiosa contribuição dos autores russos para o campo dos estudos do estilo, da linguagem no país.

Referências

ALI, M. S. (1969[1920]). *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. 7 ed. revista e comentada de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira por Evanildo Bechara, São Paulo: Melhoramentos, 1969.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Forense Universitária, 2011.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016[1952-3].

BAKHTIN, M. *Problemas de poética de Dostóievski*. Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

BAKHTIN, M. *Questões de estilística no ensino da língua*. Trad. Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015[1930].

BRAIT, B. Estilo. In: *Bakhtin: conceitos-chave*. 5 ed. São Paulo. Contexto, 2014.

CHAVES DE MELO, G. *Ensaio de estilística de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CÂMARA JUNIOR, J. M. *Contribuição à estilística portuguesa*. 17 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

CÂMARA JUNIOR, J. M. Considerações sobre estilo. In: *Dispersos*. 13 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. Os formalistas In: *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 209-218.

GRILLO, S; AMÉRICO, E.V. *Valetin Nikolaiovic Volócinov: detalhes da vida e da obra encontrados em arquivo*. *Alfa*. São Paulo. Vol. 61 n 2, p. 255-281. <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/8962>. <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1709-1>. Acesso em: 10 set. 2018.

GLUSKOVA, M; FERREIRA, R. *Análise comparativa estilística do gênero resumo: um estudo de caso nas publicações científicas no Brasil e na Rússia*, São Paulo, 2017. <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/146700/152353>. <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v31i3p45-72>. Acesso em: 12 out. 2020.

LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. 9 ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à Estilística*. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2012.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017[1929].

VOLÓCHINOV, V. N. Que é linguagem/língua? In: *A palavra na vida e na poesia*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo, Editora 34, 2019[1926] p. 234-265.

SILVA, S. P. Estilo e estilística em Bakhtin e Volóchinov: perspectivas em diálogo

VOLÓCHINOV, V. N. A Palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica In: *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo, Editora 34, 2019[1926] p. 109-146.

VOLÓCHINOV, V. N. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística. In: *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019 [1930] p. 183-233.

VOLÓCHINOV, V. N. *A palavra na vida e a palavra na poesia*. Trad. Sheila Grillo. São Paulo: Ed. 34, 2019.

Recebido: 02/08/2020.

Aprovado: 24/08/2020.